

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Editor de **ELECTRICIDADE**

Alegoria à Ciência e Tecnologia

O sistema de Ciência e Tecnologia em Portugal vem sendo construído desde há largas décadas, a partir do momento em que raros grupos de investigadores consolidaram as actividades de investigação e desenvolvimento como um sistema, sob os auspícios do Instituto da Alta Cultura. Mas ao longo desta evolução nunca passou além de um espectáculo de robertos.

Metido numa espécie de caixa prismática de estrutura débil, sem alicerces fixos nem cobertura, cada manipulador da encenação enfia as mãos nos sucessivos personagens, escolhidos a contento e com aderências a seu gosto, e põe uns a esgrimir contra os outros por dá cá aquela palha. Com palavrões e olhares irados, lá para as tantas chegam a vias de facto — e zás! — os "bons" castigam os "maus", conforme o manipulador dá a entender pela trama engendrada na sua expressividade de cana rachada.

O público infantil, ignorante dos métodos experimentais e das teorias subjacentes, extasia-se à frente da cena, pela surpresa irreverente das voltas a reviravolta, entre descobertas episódicas e revelações bombásticas, aparentemente corentes com o fio da história, ainda que muitas vezes lhes falte traços de união. E vai aplaudindo, mesmo embevecido, consoante a moralidade estabelecida e o aparecimento de novas tónicas nos efeitos exibicionistas. O regozijo final é notório para uns (os mais jovens, ainda desconhecadores

da amargura provocada pela desilusão das ilusões), quando os "bons" dão a lição esperada aos "maus".

A cena desaparece, mas renasce outra semelhante, com idêntica sonoridade e passos igualmente castigadores. Tudo se repete na perfeição, deliciando o público infantil, pelas roupagens multi-coloridas, os ataques de cacete, as testas duras em golpes certo, as aparições furtivas e intempestivas nos momentos de maior intensidade dramática.

O encantamento só se desfaz quando na caixa primática termina a representação. Algum público rodopia à procura, mais além, dos torrões de Bruxelas, que, como os torrões de Alicante, colocam-se aos dentes. Os espectadores mais iludidos, inconscientes da situação, clamam por mais, batem o pé e refilam: "bis, bis, bis". Cada pai, então, tranquiliza com indefinições enganosas e goluseimas baratas: "Deixa lá que havemos de voltar a ver mais robertos noutra ocasião. Toma um chupa-chupa".

Depois, a caixa prismática e sem cobertura nem alicerces é desmantelada, jazendo sobre o empedrado do chão as suas ripas estruturais, enrodilhadas nos panos murais. Até que o manipulador, mais tarde e noutra local, promove nova reestruturação e a consequente repetição do jogo cénico para público igualmente infantil, repetidamente emocionado pela esperança das ilusões.

A exibição dos robertos é assim intrinsecamente cíclica: revive as mesmas histórias em qualquer época, com este ou aquele manipulador. Podem ocorrer aperfeiçoamentos num ou noutra aspecto do sistema, mas o princípio do conflito entre "bons" e "maus" permanece no fundo da evolução dos temas.

Hoje pretende-se ir mais longe, com a caixa prismática da Ciência e Tecnologia assente em pedras de ministério. Mas tudo parece um mistério. Poucas são as representações. As tramas continuam enredadas nos mesmos personagens, que já vinham à cena com outros manipuladores no passado. Não há invoação para benefício nacional. Não se vislumbra acção construtiva. Apenas se intensifica a agressividade dos "bons" contra os "maus" e se define o critério de "mausade" através da falta de exportação dos benefícios para os estrangeiros.

Engendrou-se um processo de avaliação relâmpago, com crâneos importados, que costumam andar às cabeçadas nas feiras de aldeias estrangeiras. O resultado foi o esperado: repetiram o que já se vinha a redizer há muito tempo com as cabeças que temos por cá — mais traulitada, menos traulitada. Que há "bons" e "maus". No entanto, são pre-emptórios: os "bons" devem dar mais pancada nos "maus", até os defazer. Esta é a novidade, implacável, que obedece à moralidade dos moralistas seleccionados: com o nos-

so magro orçamento de Ciência e Tecnologia, amealhado debaixo do suor dos nossos trabalhadores (que pagam elevados impostos), vamos criar um conjunto de "excelentes" para exterminar os "bons", os quais, entretanto, já dizimaram os "maus" que teimaram em trabalhar só para modernizar e desenvolver o tecido industrial português.

Isto é como solicitar conselho sob a doutrina de uma determinada confissão: o problema dos "bons" e "maus" resume-se à definição doutrinada. Quando um Ministro constitui comissões de avaliação com os pares estrangeiros dos "bons" (para eles, estrangeiros), que resulta será de esperar? Gostaria de saber as conclusões obtidas da avaliação do sistema científico e tecnológico por profissionais competentes das indústrias portuguesas. Certamente que o critério prevalente, nesta hipótese, seria a mais valoração dos projectos de investigação com envolvimento industrial. Então os "bons" apareceriam como "maus" e os "maus" é que seriam os "bons". Exactamente às avessas.

Como tudo é defirente com a moralidade dos robertos!

Agora, venham, senhores, venham assistir à competição dos "bons" com os "excelentes", numa luta bastante mais desumanizada que a tradicional guerra dos "bons" contra "maus". A ferocidade das traulitadas nas cabeças duras fará rir muitíssimo mais o público infantil. □